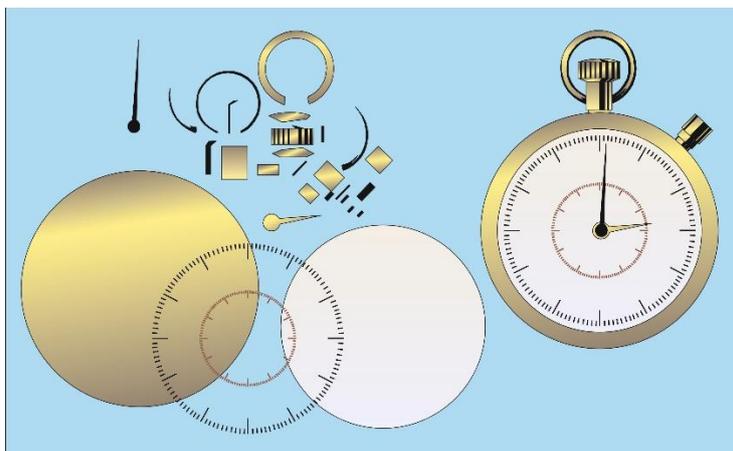


## O Tempo vale aquilo que fazemos com ele



**O Chão de Areia Faz nove anos a 18 de setembro.** Nunca, ao longo da sua existência, houve tão pouco tempo para o ir desenvolvendo. Esta exagerada escassez de horas tem-se verificado durante os dois últimos anos letivos. Manter o Chão de Areia ativo é muito trabalhoso, já o referimos nos textos “Acerca deste Jornal” e “Balanço de Final de Ano”, cuja releitura aconselhamos.

Estão publicados 1609 artigos, 123 dos quais no último ano letivo, porém, garantir a cadência e a qualidade foi um esforço hercúleo, muito para lá das nossas verdadeiras capacidades. O trabalho necessário foi realizado, em grande parte, prejudicando a vida pessoal, já que a profissional não pode ficar abalada com outro serviço. O Chão de Areia não é um Blogue qualquer, tem padrões mínimos de qualidade dos quais não devíamos abdicar, porém, lamentavelmente, vamos ter de o fazer. Fomos nós próprios e a anterior equipa editorial, que estabelecemos objetivos tão ambiciosos, mas não temos possibilidade de os manter sem que o tempo atribuído ao jornal seja repensado.

Assim, por incapacidade da nossa parte, o Provérbio do Dia e passa a ser mensal, incluindo Citações. A Agenda Histórico-Científica acaba, não sendo substituída e o número de artigos a publicar fica consideravelmente reduzido. Este Editorial é o primeiro artigo de setembro.

---

As disciplinas de Educação Visual e Oficina de Desenho têm a característica interessante de fazer os alunos produzirem trabalhos em todas as aulas e assim, quase todos os dias o professor leva material para avaliar, relativo a uma ou duas turmas, com o qual gasta, diariamente, algumas horas, uma vez que é muito difícil demorar menos de 100 minutos com cada turma. Passemos à explicação:

É necessário assinalar em cada trabalho aquilo que ficou errado em cada uma das competências avaliadas e escrever (às vezes até desenhar e pintar ou sombrear) a respetiva correção, pois convém não esquecer a vertente formativa da avaliação. Quando o erro é recorrente (o que acontece com frequência excessiva), é ainda conveniente repetir instruções escritas, já dadas noutros trabalhos, com indicação de que já foi clarificado anteriormente. Para além disto, é preciso registar, nos trabalhos, os motivos que agravaram o resultado, normalmente as distrações, a falta de concentração e o comportamento. Isto tudo corresponde a sete colunas para preencher, a seguir, numa folha do Excel para cada trabalho de cada aluno. Por muito rápido que seja este serviço, nunca é possível demorar menos de dez minutos por aluno. Dez minutos vezes vinte e uns quantos alunos de cada turma, dá mais de 200 minutos. Se forem duas turmas para avaliar, gastam-se diariamente mais de 6 horas com este trabalho.

Quando há testes para avaliar, o tempo gasto ainda é maior, mas, felizmente, os testes de EV têm sido normalmente apenas 3 ou 4 por ano, ou seja, um por turma. A constante gigantesca perda de tempo que acabámos de referir, leva-nos a questionar a verdadeira utilidade da avaliação feita nestes moldes (ou noutros quaisquer), pois, se fazemos coisas inúteis na vida, esta, pelos mais variados motivos, ganha destacada o primeiro lugar, mas temos de a fazer, afinal trata-se de uma obrigação.

Resolvida a avaliação diária, com a qual gastámos **cerca de 6 horas** depois de chegar a casa, podemos, finalmente, tratar do Chão de Areia, que é um verdadeiro devorador de tempo.

Valem-nos os fins de semana e os dias sem componente letiva, que permitem ir compensando algum do atraso inevitavelmente acumulado.

Conforme sabemos, o horário dos professores do 2º e 3º ciclos tem três componentes: a **Letiva**, que inclui as aulas propriamente ditas e os cargos verdadeiramente importantes; a **Não Letiva**, que diz respeito ao restante tempo gasto efetivamente na escola com serviços, como parte da Direção de Turma, Biblioteca, Apoios Educativos e outros; e por fim a de **Trabalho Individual**, normalmente cumprida em casa e que tem, vamos admitir, 13 horas semanais.

Na realidade o horário dos professores, desde 2013, tem sido objeto de alterações (com polémica e contestação), no que respeita ao número total de horas, entre as 35 e as 40 semanais, mas, para efeitos de cálculo, consideramos as **13 de Trabalho Individual** como referência, apesar de ainda estarem distantes das que são realmente necessárias e acima das 11 preconizadas nalguns despachos governamentais.

Ser dividirmos as 13 horas semanais do Trabalho Individual por 5 dias úteis, são pouco mais de duas horas e meia por dia ( $13 \div 5 = 2,6$ ). Conforme ficou explícito acima, isto é menos de metade do tempo efetivamente gasto para avaliar trabalhos, tratar das planificações e produzir material didático, sempre com as inevitáveis adaptações e reformulações que os resultados da avaliação implicam, como qualquer professor, de qualquer disciplina, faz.

O Chão de Areia tem estado na componente **Não Letiva**, com dois tempos semanais, que se esgotam só com a compilação e publicação dos Provérbios e da Agenda Histórico-Científica, **tudo o resto já é feito sem tempo para isso. E tudo o resto é praticamente tudo.**

Tornámos este jornal num projeto demasiado ambicioso para ser concretizado quase só por uma pessoa, pois, embora possa parecer, a edição não é o resultado de uma equipa a trabalhar em unísono, é praticamente trabalho individual. A professora Coeditora tem ajudado nas questões mais complexas relativas à programação, no entanto não dispõe de qualquer tempo no horário reservado para este fim, pelo que evitamos pedir-lhe ajuda.

Para manter o ritmo do ano anterior, a equipa do Chão de Areia devia incluir, pelo menos, um editor, um redator, um fotógrafo, um informático e um ilustrador, todos, pessoas diferentes, com tempo exclusivamente reservado para o jornal e não apenas uma só pessoa a acumular todas estas funções, praticamente sem tempo.

Ou, sendo só de uma pessoa, que fosse alguém, exterior à escola, que tratasse apenas do jornal e não desse aulas. O Chão de Areia devia ser, como também a Manutenção Informática, uma atividade de dedicação exclusiva: quem trata dela não devia fazer mais nada, caso contrário acaba por deixar sempre trabalho por fazer.

Se um projeto precisa de 10 horas para a sua concretização, devem atribuir-se-lhe 20 ou 30, para que o trabalho não seja feito sob pressão, nem haja desculpas para não o fazer. Dar-lhe duas horas é, para além de um insulto, condená-lo ao fracasso.

Cada artigo demora, em média, 90 minutos a ser editado, alguns chegaram a ultrapassar as quatro horas de trabalho, muitos ficaram pelas três, mas aproximadamente metade demora cerca de uma hora. Convém não esquecermos que todas as imagens precisam e ser trabalhadas antes da publicação, muitas delas são feitas propositadamente para cada artigo. Editar o jornal não é apenas copiar umas imagens da Internet e carregar numa tecla. Vejamos apenas dois exemplos de artigos recentes, cuja edição foi  **muito rápida**:

**-Recolha de Caixas de Ovos**, publicado a 12 de julho de 2018, teve o texto entregue sem qualquer ilustração. Foram então tiradas 3 fotografias, pois, embora pretendêssemos usar a que foi publicada, não sabíamos se a profundidade de campo iria deixar todas as caixas com nitidez aceitável. Verificado (já no computador) que servia, foi preciso melhorar os detalhes e apagar parte da estrutura e do televisor que estavam visíveis no canto inferior direito. O tratamento e redimensionamento da imagem demorou **meia hora**. O texto levou apenas o código para ficar justificado e a alteração da fonte no nome da autora. A edição e publicação demorou **10 minutos**, sem incluir o tempo gasto com a deslocação e a descarga das fotografias, que foram cerca de **15 minutos**. *Pronto em pouco menos de uma hora.*

**-De Férias**, publicado a 30 de julho de 2018, praticamente sem texto, vale pela imagem. Utilizámos “clipart” vetorial livre de direitos para a cadeira e computador, com isto poupámos mais de duas horas. A espreguiçadeira foi invertida na horizontal, para não ficar voltada para o lado oposto, e o computador foi redimensionado, rodado e inclinado para acompanhar a perspetiva. A imagem do ecrã, que é a do próprio jornal, mostrando esse mesmo artigo, demorou **mais de duas horas** a ser desenhada, pois, durante a edição não é visível o cabeçalho do jornal. A seguir, como para todas as imagens de origem vetorial que publicamos, foi necessário convertê-la em Mapa de Bits e redimensioná-la. A edição e publicação foram rápidas, tratadas em menos de **10 minutos**. *Pronto em pouco menos de duas horas e meia.*

*O Chão de Areia é para ver e ler com atenção, nunca apenas de relance.*

Verdadeiramente demorados são os artigos que têm imagens integradas no texto e os que incluem Slideshows do PictureTrail. Para além de ser necessário criar o Slideshow, (cada um deles chega a gastar-nos mais de duas horas na execução e tratamento prévio das imagens), ainda por cima, o próprio PictureTrail tem uma ligeira incompatibilidade com o WordPress, que apaga frequentemente o código correspondente às imagens em movimento e lá surge invariavelmente a informação *“Sorry, this Slideshow has been deleted”*, a seguir temos de introduzir de novo o código de programação. Isto chega a acontecer quatro vezes no mesmo artigo, bastando fazer a mais pequena alteração no texto, como acrescentar um ponto final. Mas o PictureTrail, que realmente permite a criação de efeitos muito interessantes nas transições entre imagens, tem a desvantagem de só ser grátis até aos 20 MegaBytes ou 36 fotos. No primeiro artigo do ano letivo com Slideshow, o “SOS Oceanos”, publicado a 15 de outubro de 2017, colocámos 32 fotos. Para o Slideshow seguinte já não havia uso gratuito, pelo que tivemos de pagar (do nosso bolso, entenda-se) o valor correspondente ao escalão seguinte: 50 MB ou 500 fotos. Mais tarde atingimos as 500 fotos e foi necessário pagar de novo.

Presentemente, estão, introduzidas no anterior ano letivo, **741** fotografias em Slideshows, distribuídas conforme indicamos a seguir:

SOS Oceanos, **32**; Corta-Mato, **29**; Estafeta de Leitura, **18**; Simulacro de setembro, **12**; Diplomas de Mérito, **64**; STOP Leio, **19**; Teatro em Colares, **15**; Galopim na EBI, **13**; Escola Inclusa, **28**; Torneio de Xadrez, **20**; NTA-2018, **18**; Entre Linhas, **26**; Corta-Mato Concelhio, **13**; Simulacro de fevereiro, **13**; Agitarte, **11+52**; Feira Saloia e Caminhada, **26+27+21**; Sarau, **42+42**; Geocaching **35+76+33**; Diplomas 4º Ano, **28+28**.

No 1º Período, tivemos no horário 28 tempos; no 2º Período 24; e no 3º Período 20. Somados dão 72 tempos de 50 minutos, ou sejam **3600** minutos.

Os 123 artigos do ano letivo, a 90 minutos cada são **11070** minutos, ou seja, foram gastos 7470 minutos a mais ou **149,4 tempos letivos** e esta contabilidade está feita por baixo. Resumindo: **Num ano letivo gastámos, com o Chão de Areia, o equivalente a mais de três anos**, portanto dois anos a mais. Isto significa que, para equilibrar as contas, durante os dois próximos anos, o Chão de Areia poderia ficar parado.

Esclareça-se que não estamos a dizer que trabalhamos mais do que os outros (cada um sabe de si), pois todos sabemos que os professores trabalham que nem escravos, no entanto alguns não têm a responsabilidade de editar o Chão de Areia, que consome realmente demasiado tempo, mesmo quando se trabalha depressa.

A preparação de alguns artigos chega a demorar meses, não só a investigação relativa ao assunto, mas a escolha, seleção, adaptação ou execução das ilustrações também é demorada.

Os textos escritos por nós próprios (foram 40 no ano anterior) vão sendo elaborados ao longo das pausas letivas e durante os fins de semana, muitos deles implicam um razoável trabalho de investigação (que não está contabilizado neste texto), mas isto tem custos elevados, pois acaba por ser em detrimento da Cultura que verdadeiramente nos interessa e até do Lazer, para nem referir as implicações na vida particular.

Com o Chão de Areia a farsquia está demasiado elevada para as nossas reais capacidades, que a escassez de tempo limita. Felizmente não temos sido propensos a esgotamentos, mas lá chegaremos, é só uma questão de tempo, se continuarmos a trabalhar sem o termos.

Não estamos a vitimizar-nos, e isto não é uma atitude de protesto, é apenas sintoma de cansaço extremo. Se alguém consegue fazer melhor, mais depressa e mais barato, apresente-se e terá a nossa mais sincera admiração, agradecimento e até ajuda, desde nos seja atribuído tempo suficiente para isso. Suficiente não são duas ou três horas.

Não corremos por gosto, mas, durante os últimos 35 anos, fizemos e ainda fazemos, na Escola, muito mais trabalhos para além deste jornal. O Chão de Areia talvez faça mais falta à Escola e à Comunidade do que à equipa editorial.

Quanto ao *feedback* interno, relativo ao Chão de Areia, nem sempre é um incentivo, muitas vezes é apenas uma interpretação errada daquilo que escrevemos ou das nossas opções editoriais, revelando apenas falta de respeito pelo que fazemos. Acerca do externo (exterior ao Agrupamento), temos recebido recentemente vários comentários estrangeiros, elogiando a qualidade do nosso trabalho, alguns num português praticamente incompreensível, de quem tentou escrever na nossa língua sem usar sequer a tradução automática. Para não alterar o texto original, temos apagado grande parte deles. Os que se aproveitam (?) podem ser lidos nos artigos: **Provérbios Portugueses sobre comportamento**, de 10/12/2009; **S. Valentim está a chegar...**, de 18/1/2010 (um dos novos comentários está em inglês); e **Concurso de Declamação de Poesia**, de 27/2/2010.

Reconhecendo as nossas limitações, pedimos desculpa aos leitores, enquanto esperamos melhores dias. Para já o Chão de Areia vai ter, forçosamente, de abrandar. Afinal, gastar muito tempo sem o ter disponível é sintoma de estupidez e masoquismo.

*José Maria Silva*

*Editor do Chão de Areia em 2017/2018*